



**O livro "Dicas Para o Graduado" foi editado pela UEB no ano de 1995**

**Possui o formato A5 (14 x 21 cm) como uma brochura dobrada unidas por dois grampos.**

**Com capa em cartolina, colorida e plastificada.**

**Possui 53 páginas em preto e branco.**

**A digitalização deste livro foi feita pelo Chefe Fábio Neiva. A montagem do pdf foi feita pelo chefe Paulo do site [www.lisbrasil.com](http://www.lisbrasil.com)**

# **DICAS PARA O GRADUADO**

Osny Câmara Fagundes

**União dos Escoteiros do Brasil**



União dos Escoteiros do Brasil  
Associação de Escoteiros do Brasil  
Brasília - DF

Presidente: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Vice-Presidente: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor Geral: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor Administrativo: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor Financeiro: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor de Infraestrutura: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor de Comunicação: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor de Educação: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor de Esportes: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor de Saúde: Alexandre Antônio Gomes Olim  
Diretor de Segurança: Alexandre Antônio Gomes Olim

# DICAS PARA O GRADUADO

Este livro é destinado aos graduados da União dos Escoteiros do Brasil, com o objetivo de orientá-los sobre as atividades e os procedimentos a serem seguidos durante o curso de graduação. O conteúdo aborda aspectos teóricos e práticos, visando ao desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes.

Brasília - DF  
1995



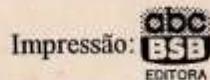
## União dos Escoteiros do Brasil

SCLN Qd. 408 Bl. "D" Loja 30 - Fone: (061) 347-681

Brasília - D. Federal

Diretor Presidente	Mário Henrique Peteres Farinon
Diretor 1º Vice-Presidente	Jorge Antônio dos Santos
Diretor 2º Vice-Presidente	Antônio César de Oliveira
Diretores Nacionais	Alexandre Antônio Cortes Olliani
	Antônio Carlos Hoff
	Eduardo Szazi
	Guilherm Reichwald
	Igor Kipman
	João Alberto Bordignon
	João Fagundes Hauck
	Marco Aurélio de Mello Castriani
	Maurício Moutinho da Silva
	Oscar Victor Palmquist Arias
	Renato Eugenio de Lima
	Vander Veloso Pires

Tiragem: 2.000 Exemplares



Impressão: Fone: (061) 386-3270  
Brasília - DF

## Apresentação

Moderna e atualizada, esta obra é fruto de um trabalho conjunto de todos os membros da União dos Escoteiros do Brasil, com o objetivo de proporcionar aos leitores um material de consulta, atualizado e de fácil acesso, que possa ser utilizado em suas atividades.

Esta obra é fruto de um trabalho conjunto de todos os membros da União dos Escoteiros do Brasil, com o objetivo de proporcionar aos leitores um material de consulta, atualizado e de fácil acesso, que possa ser utilizado em suas atividades.

*Ao Piá e ao Diego,  
que comeram o pão que o diabo amassou.*

*Aos meus outros Monitores,  
que não precisaram comer o pão que o diabo amassou.*

*A todos os Monitores e Submonitores Escoteiros,  
que não devem comer o pão que o diabo amassou.*

Esta obra é fruto de um trabalho conjunto de todos os membros da União dos Escoteiros do Brasil, com o objetivo de proporcionar aos leitores um material de consulta, atualizado e de fácil acesso, que possa ser utilizado em suas atividades.

## Apresentação

Modernizar o Escotismo Brasileiro é o grande desafio com que a Diretoria Nacional vem se defrontando a cada dia.

Nesse processo de modernização, é importante oferecer a todos novas fontes de consulta, apresentando publicações que complementem ou substituam aquelas que temos usado por tantos e tantos anos.

Os Escotistas e Dirigentes têm sido contemplados com esse esforço, e a eles já entregamos algum material capaz de auxiliá-los no desempenho de suas funções escoteiras.

Mas a Diretoria também quer oferecer novidades aos nossos membros juvenis, e a literatura posta à sua disposição também deve ser modernizada. Foi buscando material para essa modernização que a Diretoria encontrou essas "Dicas para o Graduado", preparadas por um Chefe de Brasília para orientar os que participaram de um Encontro Regional de Graduados do Ramo Escoteiro, realizado há alguns anos.

As "Dicas", que foram preparadas para os Graduados do Ramo Escoteiro, servem, na verdade, para todos os Graduados, pois apresentam informações úteis a todos aqueles que têm o compromisso de levar ao sucesso o grupo de amigos representado pela Patrulha. Ainda mais, as "Dicas" servem para todos os jovens - os que não são graduados, hoje, acabarão por sê-lo algum dia e, se nunca forem graduados, poderão ajudar muito mais aos graduados de suas Patrulhas, conhecendo essas mesmas "Dicas".

As "Dicas" não tratam de assuntos técnicos; não ensinam a fazer pioneirias nem mencionam as Etapas de Classe. A única preocupação do autor foi facilitar a vida dos Graduados, fornecendo algumas idéias sobre a organização da Patrulha quando em atividade, sobre a programação das reuniões de Patrulha, sobre a participação da **Corte de Honra** na direção da Tropa e sobre Liderança. Como se vê, as "Dicas" tratam de coisas simples e

triviais, mas que todo Graduado precisa saber, para poder desempenhar suas atribuições.

O autor, atual Diretor Executivo da UEB, tem participado conosco do esforço de modernização do Escotismo Brasileiro, e concordou em colocar suas "Dicas" ao alcance de todos os nossos Graduados, na certeza de que todos merecem ter acesso a esses conhecimentos tão simples e tão importantes. A ele, os nossos agradecimentos, por mais este serviço prestado ao Escotismo Brasileiro.

Ao lançar as "Dicas para o Graduado", a Diretoria Nacional está segura de que, contribuindo para a melhoria das Patrulhas de Escoteiros, está contribuindo para a melhoria do Escotismo Brasileiro. Não existe um bom Escotismo sem bons Grupos de Escoteiros; não existem bons Grupos sem ótimas Tropas de Escoteiros e de Escoteiras; não existem ótimas Tropas sem excelentes Patrulhas; e só teremos excelentes Patrulhas se nossos Graduados e Graduadas estiverem à altura do Escotismo que desejam praticar.

Aí está, portanto, uma contribuição para o crescimento dos nossos Graduados e Graduadas. É esse crescimento que fará crescer o Escotismo no Brasil.

#### A DIRETORIA NACIONAL

Agosto, 95

## SUMÁRIO

POR QUE AS "DICAS PARA O GRADUADO"?	9
-------------------------------------	---

A ORGANIZAÇÃO DA PATRULHA QUANDO EM ATIVIDADE NO CAMPO MONTANDO E DESMONTANDO UM CAMPO DE PATRULHA	11
--	----

1. Introdução	11
2. Planejamento e preparação da atividade	12
3. Saída para a atividade	15
4. Chegada ao local da atividade	16
5. Montagem do Campo de Patrulha	17
6. Desmontagem do Campo de Patrulha	21
7. De volta à sede do Grupo	23

PROGRAMAÇÃO DE REUNIÕES DE PATRULHA	27
-------------------------------------	----

1. Introdução	27
2. O local	28
3. O dia e a hora	30
4. O transporte	32
5. O conteúdo de uma Reunião de Patrulha	33

A CORTE DE HONRA E A PROGRAMAÇÃO DAS ATIVIDADES DA TROPA	37
--	----

1. Introdução	37
2. O Calendário Anual de Atividades do Grupo Escoteiro	39
3. O Planejamento da Tropa de Escoteiros	40
4. O Método Escoteiro	42
5. O resultado final	44

LIDERANÇA	47
1. O que é liderança	47
2. As funções do líder	49

## POR QUE AS "DICAS" PARA O GRADUADO ?



*Quando me tornei um Chefe de Escoteiros, eu não conhecia nada de Escotismo (o que não quer dizer que hoje eu conheça grande coisa...).*

*Mesmo assim, eu me atrevi a levar minha pequena Tropa, então com duas Patrulhas, para um acampamento.*

*Jamais vou esquecer aquele caos. Chegamos ao campo já no final da tarde e nos limitamos a armar as barracas, para o pernoite. Não precisamos, nem ao menos, nos preocupar com o jantar; a Alcatéia, que estava acantonando na mesma área, nos oferecera uma festinha, terminada a qual fomos dormir.*

*No dia seguinte, alvorada, jogo ativo, café da manhã, inspeção, bandeira e... montagem dos Campos de Patrulha. O programa previa que, às onze horas, os campos já estariam montados e começaria a faina de preparação do almoço. Infelizmente, houve um pequeno (!) atraso: às oito da noite, no meio daquele tumulto que parecia tudo, menos um acampamento escoteiro, conseguimos começar a fazer um almoço que foi devorado lá pelas dez horas...*

*Meus dois Monitores eram tão inexperientes quanto eu.*

*Que saudades eu tenho daqueles dois excelentes amigos que o Escotismo me proporcionou!*

*O Diego, filho de um diplomata, deixou o Grupo logo depois, indo viver no exterior; ainda hoje nos correspondemos, e quando vem ao Brasil, em férias, não deixa de procurar o chefe.*

*O Piá ficou na tropa mais tempo e chegou a ser Escoteiro Lis de Ouro, o primeiro a quem tive a satisfação de entregar o*

distintivo; foi Sênior em nosso Grupo e, pouco depois de ter sido investido como Pioneiro, deixou o Grupo e o Movimento.

Com o Diego e o Piá comecei meu aprendizado escoteiro; inexperientes, os dois sofreram um bocado em razão da in experiência do chefe. Nossa amizade, entretanto, era tão sólida que nenhum dos dois jamais reclamou; aprendemos juntos, ao longo de vários acampamentos, quase tão caóticos quanto o primeiro.

Depois, outros Monitores se juntaram a nós; o Okasa, o Rodrigo, o Gozzer, o Midnight, o Cueca, o Sávio, o Leandro o Angelo, o Ricardo, o Henry, o Harlei e, mais recentemente o Tóquio, o Leslei, o Henrique, o Blau-Blau e o Campelo. Com todos eles aprendi alguma coisa e em todos encontrei grandes amigos.

Nenhum deles, entretanto, me desperta as mesmas recordações que guardo do Diego e do Piá. Sofreram tanto, em razão da minha absoluta incapacidade de lhes fornecer um mínimo de orientação, que nem consigo entender direito como, apesar disso, se tornaram meus amigos.

Foi acompanhando a luta daqueles dois meninos para conseguir alcançar seu adestramento e, ao mesmo tempo, ajudar a adestrar seu chefe "Pata Tenra", que firmei o propósito de, um dia, preparar algumas anotações que pudessem ajudar outros jovens que se vissem na função de Monitor ou Submonitor de Patrulha.

O.C.F

## A ORGANIZAÇÃO DA PATRULHA QUANDO EM ATIVIDADE NO CAMPO MONTANDO E DESMONTANDO UM CAMPO DE PATRULHA

### 1. INTRODUÇÃO

Baden-Powell sempre se preocupou com a diferença entre *viver em barracas* e *acampar como Escoteiros*.

Qualquer um pode decidir pegar meia dúzia de utensílios, um pedaço de lona, uma mochila com uma muda de roupa, um bocado de comida e sair por aí, *vivendo em barracas*.

Uma Patrulha de Escoteiros, entretanto, procede de modo diferente. Aquele grupinho de jovens não está interessado em sair por aí, *vivendo em barracas*; por ser formada por Escoteiros, a Patrulha está interessada, isto sim, em *acampar como Escoteiros*.

E qual é a diferença?



O *campista* pega suas tralhas e procura, geralmente, uma área de camping. Lá, ele encontrará uma série de facilidades (é comum, até, encontrar água encanada e tomada de luz bem junto ao local onde vai armar sua barraca); na maior parte das vezes, a área é estruturada como um clube de lazer, com sanitários, piscinas,

saunas, quadras de esporte e, até, uma cantina que fornece aos *campistas* refeições prontas e gêneros diversos. Os mais arrojados, preferem o *camping selvagem*, isto é, fogem dos *camping clubes* e procuram áreas isoladas, sem a infra-estrutura que já descrevemos.

Mesmo estes, que têm um espírito mais aventureiro, estão interessados, principalmente, no lazer. Passam alguns dias *vivendo em barracas*, para satisfazer sua necessidade de se afastar da rotina ou para escapar aos elevados custos de uma diária de hotel.

Quando uma Patrulha decide *acampar*, o objetivo principal é a exploração da oportunidade de aplicar o **Método Escoteiro**. O lazer também faz parte do *acampamento escoteiro*, mas o essencial é explorar o *acampamento* para viver e trabalhar em equipe, para praticar atividades atraentes e variadas, para aprender fazendo, para desenvolver a noção de responsabilidade, para crescer um pouco, vencendo os *desafios* da natureza e da vida ao ar livre, para viver, enfim, como Patrulha de Escoteiros.

## 2. PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE

Para atingir esses objetivos, a Patrulha se prepara adequadamente, antes de sair para o *acampamento*. Diz um velho ditado marinho que "*quem vai ao mar, se avia em terra*"; assim procede, também, o Escoteiro. Embora sabendo que há de enfrentar os imprevistos naturais na aventura que resolveu empreender juntamente com sua Patrulha, o Escoteiro não se deixará surpreender por eles, respondendo a todos com uma ação pronta e acertada, típica de quem está, de fato, SEMPRE ALERTA.

A Patrulha planeja, detalha-



damente, sua aventura. Se vai para o campo, cada elemento sabe, com precisão, quais são suas atribuições durante a preparação da atividade.

O *Cozinheiro* elabora um cardápio adequado ao tipo de atividade, tendo o cuidado de balancear as necessidades alimentares de sua Patrulha com a disponibilidade financeira e com as condições em que deverá preparar cada refeição. Não se esquece de selecionar pratos que seja capaz de preparar com sua habilidade de *mestre-cuca* e nas condições oferecidas pela atividade. É claro que experimentar uma *receita* nova pode dar um sabor todo especial à atividade, mas é conveniente discuti-la detalhadamente com algum *expert* (mães e cozinheiras profissionais costumam ser excelentes *consultoras*...)

O *Intendente* sabe que é sua responsabilidade obter - seja por meio de compra, seja promovendo uma *caçada às despensas* das casas dos elementos da Patrulha - os gêneros necessários à preparação das refeições. Para ter certeza de que está levando a quantidade certa de cada item, de modo a evitar faltas e desperdícios, o *Intendente* recorre, normalmente, às anotações que fez em atividades anteriores ou apela para a experiência das mesmas *consultoras*... Enquanto realiza a tarefa de fazer as compras, o *Intendente* não se esquece, nem por um instante, do **artigo IX da LEI ESCOTEIRA**.

O *Enfermeiro* promove uma revisão na *Caixa de Primeiros Socorros* e nos seus conhecimentos sobre o assunto, pois sabe que dessas





providências dependerá a segurança dos seus companheiros de Patrulha.

O *Almoxarife* conhece perfeitamente a importância de examinar todo o material de

campo pertencente à Patrulha, evitando que só no campo se venha a descobrir que a barraca está rasgada, que o fogão ou lampião estão entupidos ou que a machadinha, por falta de uma cunha, está se soltando do cabo. É ele, igualmente, que providencia a obtenção do sisal, da camisa de lampião, do gás, do querosene e de todo o restante do material de campo e de adestramento, recorrendo ao Chefe de Escoteiros naqueles casos em que o problema demandar a atuação da Diretoria do Grupo.

Todas essas providências são coordenadas e supervisionadas pelo *Monitor*, que sabe que pode contar com a ajuda do *SubMonitor*. É responsabilidade deles acionar toda a Patrulha para que, como uma verdadeira *equipe*, cada elemento empreste sua colaboração aos que têm o encargo de proporcionar à Patrulha tudo o que é necessário para uma boa atividade. São eles, também, que se encarregam de planejar o *acampamento*, definindo, juntamente com a Patrulha, como será montado o *Campo de Patrulha*, como será feito o deslocamento até o local da atividade, que tarefas caberão a cada elemento na hora da montagem do *Campo* e durante a atividade, que adestramento cada um perseguirá no



tempo disponível, que *etapas* cada um procurará conquistar, que responsabilidades cada elemento assumirá na hora *crítica* da desmontagem do *Campo*, como será feito o deslocamento de regresso, tudo aquilo, enfim, que pode concorrer para que a atividade seja um verdadeiro *sucesso*.

### 3. SAÍDA PARA A ATIVIDADE

Terminou a fase de preparação e chega, finalmente, a hora tão esperada de sair para a atividade.

Além de ser essencial para o cumprimento do Programa, a *pontualidade* é um sinal muito claro de boa educação e cortesia. Conhecedores do **artigo V da Lei Escoteira**, todos os elementos da Patrulha chegam ao ponto de reunião no horário marcado e lá encontram o *Monitor* e seu *Submonitor*, que fazem a verificação final das providências tomadas pelo *Cozinheiro*, pelo *Intendente*, pelo *Enfermeiro* e pelo *Almoxarife*; rapidamente, verificam, também, se todos cumpriram as recomendações referentes ao material individual e ajustam os últimos detalhes.

É sob a orientação do *Monitor*, sempre ajudado pelo *Submonitor*, que a Patrulha embarca o material, devidamente acondicionado e ordenado, de forma a não causar prejuízos ao dono do veículo utilizado para o transporte e assegurar um desembarque sem tumulto.

O *Monitor* dá uma última olhada no *Canto de Patrulha*, para ter certeza de que nada foi esquecido, providencia o embarque do pessoal, depois de assegurar-se de que todos apresentaram as autorizações para participação na atividade, devidamente assinadas pelos pais, e ...pronto! Aí está uma Patrulha saindo para *acampar como Escoteiros*! Não é bem diferente de sair para *viver em barracas*?



#### 4. CHEGADA AO LOCAL D ATIVIDADE

Depois de uma viagem em que a alegria se manifestou sem perturbar o motorista e, se foi utilizado um transporte coletivo, sem incomodar aos demais passageiros, a Patrulha chega, finalmente, ao local onde desembarcará.

Como na saída, o desembarque é feito em ordem e com rapidez, sob orientação do *Monitor*, cada elemento conhecendo suas tarefas e delas se desincumbindo na certeza de que o *sucesso* da atividade depende do zelo de cada um.

Depois de apresentar os agradecimentos a quem auxiliou no transporte até o local, a Patrulha carrega todo o material até o ponto em que o mesmo permanecerá concentrado enquanto se ultimam as providências para distribuição ou seleção do *Campo de Patrulha*.

Nessa ocasião, toda atenção é pouca. Nada mais desagradável do que esquecer no *carro do papai* ou na beira da estrada um volume qualquer ou uma ferramenta cuja falta vai acabar comprometendo toda a atividade. Afinal de contas, a Patrulha é autônoma e planejou tudo para poder *acampar como Escoteiros*; será muito triste se, por um descuido, tiver que *viver em barracas* durante toda a duração da atividade, principalmente porque não disporá de uma cantina onde comprar a carne do almoço que foi roubada por um cachorro, enquanto o responsável pelo volume que a continha se distraía *olhando para ontem*...

Quando termina essa etapa da *operação*, qualquer pessoa que passe pelo local percebe, logo, que aquela *turma* não vai, simplesmente, *viver em barracas*. O material não está espalhado de qualquer modo, mas agrupado ordenadamente, numa disposição compacta onde se destaca, facilmente, o bastão ostentando a bandeirola da Patrulha. É claro que se trata de uma Patrulha de



Escoteiros que se prepara para *acampar como Escoteiros*! Só não está presente no local o *Monitor*, que foi receber o *Campo de Patrulha* que lhe está designado ou selecioná-lo, valendo-se de sua experiência e dos conhecimentos acumulados desde o tempo em que, como *Noviço*, participou do seu primeiro acampamento. É comum que o *Monitor* prefira que o *Submonitor* o acompanhe nessa oportunidade, para contar com seu auxílio na hora de tomar uma decisão tão importante ou prepará-lo para, um dia, liderar a Patrulha.

Diante da realidade do terreno, o *Monitor* visualiza o modo como vai instalar sua Patrulha no *Campo* e imagina as adaptações que terá que fazer no *projeto de acampamento* que foi *bolado* na fase de planejamento e preparação da atividade.



#### 5. MONTAGEM DO CAMPO DE PATRULHA

Tomadas essas decisões iniciais, é hora de começar a montagem do *Campo de Patrulha*. É a melhor oportunidade para se avaliar o grau de eficiência de uma Patrulha.

Já houve quem comparasse uma Patrulha eficiente, montado o seu *Campo*, com uma orquestra excelente, regida por um excelente maestro. Embromar, trabalhar de má vontade, discutir, brigar, ponderar a qualquer pretexto, reclamar de tudo e de todos, usar um palavreado sujo, é desafinar. Se a Patrulha é *afinada*, o único som que vai se ouvir é aquele que acompanha o trabalho feito com alegria: risadas, comentários divertidos, ordens dadas com cortesia e cumpridas com satisfação, perguntas feitas com interesse e respondidas de forma adequada, ferramentas operadas com



habilidade e segurança e, por cima de tudo isso, música, muita música!

Naturalmente, não existe uma seqüência rígida de operações a executar durante a montagem do *Campo de Patrulha*. O terreno, as condições de clima, o

tempo disponível, a quantidade de elementos da Patrulha e seu grau de adiestramento, entre outros, são fatores que determinarão, em cada caso, como será montado o *Campo de Patrulha*.

Se considerarmos uma Patrulha completa, com todos os seus oito elementos presentes à atividade, podemos sugerir uma seqüência que, seguramente, permitirá que o trabalho se desenvolva com mais rapidez e eficiência. Muito mais importante do que seguir essa *receita de bolo* é cada Patrulha descobrir sua própria *receita*, pois a rapidez e a eficiência só terão valor se o *bolo* agradar a quem vai comê-lo, isto é, à própria Patrulha.

Como primeira providência, o *Monitor* delimita a área do *Campo* e indica à Patrulha onde serão armadas as barracas, toldos e demais pioneirias. É claro que não é nosso objetivo *ensinar o Padre a rezar a missa*, razão pela qual não vamos gastar tempo tratando da orientação da abertura da barraca em função do sol e dos ventos dominantes e de outros detalhes em que qualquer Graduado é um verdadeiro *doutor*. Vale lembrar, entretanto, que a área do *Campo* deve ser grande o bastante para que as instalações sejam funcionais, seguras e confortáveis, mas suficientemente pequena para ser limpa e cuidada sem exigir esforços desnecessários.

Uma vez definida a área das barracas, é responsabilidade do *Sanitarista* garantir que as mesmas serão montadas em terreno limpo; entende-se por terreno limpo aquele em que se pode montar uma barraca sem risco de rasgar seu fundo e sem ter que enfrentar,

à noite, o desconforto de uma pedra ou de galho que insiste em se alojar entre duas costelas, impedindo o merecido repouso.

Nesta nossa Patrulha, o *Monitor* e o *Submonitor* ocuparão, cada um, uma barraca, em companhia de mais três elementos. Uma vez preparado o terreno, as barracas serão montadas por dois de seus ocupantes, ficando os outros quatro, entre os quais o *Intendente* e o *Almoxarife*, livres para outras tarefas.

Enquanto são montadas as barracas, o *Intendente*, auxiliado por um outro elemento, de preferência o *Cozinheiro*, começa a preparar o local em que será montado um toldo que, no nosso caso, servirá para abrigar a cozinha, o material de intendência e a mesa onde a Patrulha fará suas refeições.

Ao mesmo tempo, o *Almoxarife*, está preparando, o portaferramentas e um abrigo para a *Caixa da Patrulha*.

O elemento que sobrou se encarrega de limpar o restante do *Campo*, cercando-o e dando início à construção de um *portal*.

Terminada a montagem das barracas, os mesmos elementos que as montaram se encarregam de recolher ao seu interior o material individual dos ocupantes, deixando-o devidamente arrumado. É desnecessário lembrar que nada comestível deve ficar guardado nas mochilas, dentro da barraca, sob pena de termos, à noite, a *adorável* companhia de um exército de



formigas... Só falta, para encerrar essa etapa, preparar as valetas que garantirão um sono tranquilo mesmo que a chuva venha tornar a noite mais fresca.



Barracas prontas, material recolhido, temos mais quatro pares de braços disponíveis. É hora de pôr em execução aquele projeto de pioneiria que foi *bolado* para servir de mesa-dispensa-cozinha. Nossa Patrulha vai concentrar neste projeto a maioria dos esforços, deixando livres o *Sanitarista*, que vai preparar as fossas, a latrina e o incinerador, e o *Almoxarife*, responsável pelo abastecimento de lenha (aí incluída a

madeira ou bambu com que vamos construir nossa pioneiria).

Dentro de pouco tempo, a mesa-dispensa-cozinha está bastante adiantada e já não exige tanta mão-de-obra; é hora de começar a caprichar nos detalhes. Tampas de fossa, tripé para lampião, lavatório, guarda-louças, cabides, varal, suporte para calçados, oratório, mil outras idéias poderão ser incorporadas ao *Campo*, garantindo conforto e segurança. Afinal, nossa Patrulha quer *acampar como Escoteiros*, não se contentando em *viver em barracas*.

O *Aguadeiro*, responsável pelo abastecimento de toda a água a ser consumida pela Patrulha, não se descuida, mesmo durante esse período de montagem do *Campo*, de sua obrigação de manter à mão uma reserva suficiente para atender às necessidades mais imediatas.

É claro que nem tudo isso ficará pronto de uma só vez; durante toda a duração da atividade a Patrulha estará empenhada em aproveitar qualquer momento de folga para melhorar seu *Campo*. Para o Escoteiro, o *Campo de Patrulha* só está pronto no momento em que se inicia a desmontagem...

## 6. DESMONTAGEM DO CAMPO DE PATRULHA



A atividade vai se aproximando do final e chega a hora da desmontagem do *Campo*.

A mesma ordem, a mesma dedicação ao trabalho, o mesmo zelo que marcaram a montagem devem estar presentes neste momento.

Após a última refeição preparada no *Campo*, o *Cozinheiro* e seu auxiliar reuniram todo o material de cozinha e o limparam com esmero, pois sabem que levar louça suja para lavar em casa é uma atitude típica de quem passou uns dias *vivendo em barracas*...

O *Intendente* reuniu e embalou as *sobras de rancho*; o que pode ser aproveitado em uma próxima atividade é guardado, visando a redução da despesa; o material perecível é distribuído entre os elementos da Patrulha, que o levarão para casa, ou é cedido a algum morador das imediações. Se a Patrulha optou por ceder o material, deve deixar claro a quem o recebe que não se trata de uma esmola; trata-se isto, sim, de garantir que não vai ser desperdiçado aquele material não utilizado cujo transporte de volta é, às vezes, problemático.

O *Sanitarista* trata de dar ao lixo o destino adequado, tendo o cuidado de não fechar, ainda, as fossas, pois a desmontagem do *Campo* está em sua fase inicial.

O *Almoxarife* inicia a verificação do material e limpa as ferramentas que não vão ser mais utilizadas. Procura abrigar a *Caixa de Patrulha* e as ferramentas sob o toldo que cobre a mesa-cozinha-dispensa. Como na montagem, não existe imposição de que a desmontagem se faça numa determinada seqüência. A Patrulha que estamos imaginando costuma deixar esse toldo

montado até os últimos instantes, para evitar que um súbita mudança no tempo termine causando surpresas desagradáveis.

É à sua sombra que os elementos da Patrulha vão reunir o material individual, devidamente arrumado, para que possam desmontar as barracas, que devem sair do *Campo* devidamente limpas e embaladas. Para que o material individual não fique em contato com o solo, a Patrulha também deixa montada até quase a hora da saída a pioneiria que serviu de mesa-dispensa-cozinha.

O sisal que cercava o *Campo* é recolhido (atenção ao **artigo IX LEI ESCOTEIRA!!!**) e o *portal* e outras pioneirias já podem ser desmontados. A madeira com que foram confeccionados não deve ser deixada espalhada na área; trata-se de material cuja obtenção se torna cada vez mais difícil e, se a Patrulha não pretende transportá-lo para a Sede do Grupo, deve deixá-lo arrumado no local, de modo a poder ser utilizado por uma outra Patrulha que venha acampar na mesma área. Uma boa norma é deixar as peças maiores em pé, apoiadas numa árvore, e empilhar as peças menores; assim, a umidade do solo afetará, apenas, a extremidade das peças maiores e as peças menores que se encontrarem por baixo da pilha.

O fogo, seja o do incinerador, seja o de um fogão a lenha ou o de uma fogueira armada para aquecer as horas frias da *ronda*, deve ser cuidadosamente extinto; uma brasa que passe despercebida pode dar início, após a saída da Patrulha, a um incêndio de grandes proporções.

Daquele *Campo* onde a Patrulha passou momentos tão agradáveis restam, apenas, o toldo que abriga o material e as fossas, prontas para receber os últimos detritos.

A hora da desmontagem do *Campo* é um momento extremamente crítico; todos estão cansados e um pouco tristes ante a perspectiva da volta à rotina. Se a Patrulha tem um ou dois elementos que estejam participando de seu primeiro acampamento, é natural que eles estejam ansiosos pelo momento de reencontrar as famílias e, por causa dessa ansiedade, se

mostrem desatentos e pouco caprichosos. Além disso, todos se sentem meio desanimados porque estão desmontando um *Campo* que montaram com tanto carinho.

O *Monitor* e o *Submonitor* têm, neste momento, uma responsabilidade muito grande. Cabe a eles *não deixar a peteca cair*. É a fibra dos Graduados que impulsiona a Patrulha, levando-a a trabalhar na desmontagem com o mesmo entusiasmo com que se dedicou à montagem do *Campo de Patrulha*. Se falta esse entusiasmo, a atividade terminará num clima de *desastre*, frustrando a expectativa de *sucesso* que se vivia até então.

Assim que a Patrulha começa a transportar o material para o ponto de embarque, a última pioneiria é desmontada, com os mesmos cuidados observados até então. Uma *operação pente-fino* arrecada qualquer material que tenha ficado esquecido e recolhe às fossas os últimos vestígios da passagem da Patrulha pela área. As fossas são aterradas e ponto final. A área deve estar melhor e mais cuidada do que estava quando a Patrulha chegou; nela, a Patrulha só tem o direito de deixar duas coisas: *nada e muito obrigado*.

Como fica diferente de uma área utilizada por alguns que gostam de *viver em barracas*...

## 7. DE VOLTA À SEDE DO GRUPO

Vale, para o retorno, tudo o que se disse anteriormente; a *alegria* e a *disciplina* que a Patrulha levou para o *Campo* são seu patrimônio mais valioso, e deverão ser trazidas de volta.

Chegando à Sede do Grupo, a Patrulha desembarca o material e o arruma no seu *Canto*. Se as barracas e os toldos chegaram molhados, é imprescindível deixá-los abertos; se o cuidado de arejá-los for adiado para o próximo sábado, é certo que o mofo acompanhará a Patrulha em seu próximo acampamento e que as barracas e toldos terão sua vida útil bastante reduzida.

As ferramentas, que já deixaram o *Campo* limpas, mas que não foram oleadas para evitar que sujassem o veículo utilizado no regresso, recebem logo uma fina camada de óleo, única forma de garantir que, no próximo sábado, a Patrulha não as encontrará enferrujadas.

Material recolhido, Sede arrumada, despedidas, agradecimentos, corpos cansados, almas felizes, lá se vão aqueles que tiveram a ventura de passar alguns dias acampando como Escoteiros.

Em casa, após a arrumação do material individual, esperas um banho (atenção ao **artigo X da LEI ESCOTEIRA!!!**).

Depois do banho, o *lanche com gosto de casa* e... cama. O corpo cansado pede repouso e, enquanto o sono não chega, a mente repassa toda a atividade e o Escoteiro se surpreende ao verificar o quanto cresceu em tão pouco tempo.

No sonho, a Patrulha está se reunindo, mais uma vez, para começar a organizar o próximo acampamento!



*Todo o esforço da Patrulha teria sido insuficiente para garantir o sucesso da atividade se não pairasse sobre ela a bênção do Senhor.*

*Em cada passo dado com acerto, em cada decisão correta, em cada instante de alegria, em cada fenômeno da Natureza que observou durante a atividade, o Escoteiro percebe a presença de Deus.*

*A Ele o Escoteiro eleva, com frequência, seus pensamentos, sob a forma de orações que faz em silêncio, recolhido ao próprio interior, ou em voz alta, em comunhão com seus colegas de Patrulha.*

*A presença de Deus é fator assencial para que se possa acampar como Escoteiro.*

## PROGRAMAÇÃO DE REUNIÕES DE PATRULHA

### 1. INTRODUÇÃO

É tão bom praticar atividades escoteiras que, como regra geral, as Patrulhas não se contentam apenas com as reuniões semanais de suas Tropas.

A prática mais corrente é que os elementos de uma Patrulha se encontrem, durante a semana, em horário que atenda aos interesses de todos, e dediquem alguns minutos à prática escoteira.



A Patrulha é uma *patota de amigos* que, como qualquer *patota*, gosta de se reunir para tratar de interesses comuns. Nada mais natural, portanto, do que estimular essa prática. Como o principal interesse comum dessa *patota* é o Escotismo, espera-se que da Reunião de

Patrulha resulte o maior benefício possível para seu desenvolvimento.

A reunião de Patrulha deve ser uma verdadeira *curtição*. O Escoteiro comparece a uma Reunião de Patrulha simplesmente porque *acha o maior barato* se encontrar com seus maiores amigos. Cabe a vocês, *Monitor* e *Submonitor*, fazer com que essa oportunidade de *curtição* seja, de fato, o *maior barato* porque nela se pratica aquilo que de melhor oferece o **Escotismo**.

A *curtição* de uma reunião de Patrulha não deve residir no lanche *caprichado* que se come na casa do Fulano, na oportunidade de brincar com o moderno *video-game* que Beltrano

ganhou no aniversário ou na *pelada* que se joga no gramado da casa de Sicrano.

Tudo isso pode acontecer em uma Reunião de Patrulha, mas ela só será o *maior barato*, como Reunião de Patrulha, se a verdadeira *curtição* resultar do progresso que cada um alcançar como Escoteiro.

Não existe um modelo de programa para a Reunião de Patrulha, até porque, se existisse tal modelo, a Reunião seria uma coisa tão padronizada e repetitiva que logo deixaria de ser uma *curtição*. Cada Patrulha deve encontrar a forma ideal de programar e conduzir cada uma de suas reuniões e, na verdade, todos os elementos da Patrulha confiam em que o *Monitor* conhece essa forma e a pratica constantemente.

Como não existe um modelo, tudo o que podemos fazer para ajudá-lo é chamar sua atenção para alguns aspectos do assunto que, como bom Graduado, você deve discutir com sua Patrulha. Quando vocês conseguirem chegar a um ponto de vista comum sobre tais aspectos, nenhuma outra *curtição* será maior do que as reuniões de sua Patrulha!

## 2. O LOCAL

Seria muito fácil fazer uma lista dos locais em que uma Patrulha pode se reunir. A Sede do Grupo, a casa de qualquer um dos elementos, a chácara de um amigo, um parque, um terreno baldio, um clube a que todos os elementos tenham acesso, são inúmeras as opções à escolha da Patrulha.

A reunião na Sede do Grupo, principalmente se a Patrulha tem seu próprio *Canto*, pode ser uma boa solução. Lá está

Alerta!!



guardado todo o material da Patrulha e da Tropa, facilitando, e muito, a montagem de uma programação em que o adestramento exija a utilização de itens mais pesados ou volumosos. É claro que o acesso à Sede é regulado segundo as características de cada Grupo, levando em conta uma série de fatores, entre os quais a segurança.

Organizar as reuniões nas residências dos diversos elementos é uma outra solução que oferece enormes vantagens. Em primeiro lugar, cada família começa a conhecer melhor os amigos do seu filho, estreitando-se os laços entre as famílias e o Grupo Escoteiro; é bom lembrar que as famílias, principalmente aquelas dos meninos mais novos, se sentirão muito mais tranquilas conhecendo a *patota* e nela confiando. Uma segunda vantagem é que se pode explorar, numa Reunião de Patrulha feita na casa de um elemento, alguns recursos da família como, por exemplo, as habilidades de carpinteiro de um pai ou de irmão mais velho que se disponha a auxiliar a Patrulha no projeto de uma nova *Caixa de Patrulha*.

É muito importante que se procure envolver nesse esquema o maior número possível de famílias, cumprindo um sistema de *rodzio*.

Embora as famílias costumem receber muito bem a visita de uma Patrulha que se reúne, é bom evitar que a oportunidade seja convertida em festa ou banquete; isso prejudicará o desenvolvimento da Reunião e poderá ser motivo de constrangimento para um elemento que não tenha condições de promover em sua casa uma reunião tão requintada.

Das reuniões realizadas na chácara de um amigo, pode-se aproveitar as mesmas vantagens daquelas realizadas nas

residências dos elementos da Patrulha. Se o amigo não pertence ao Movimento Escoteiro, essa pode ser uma boa oportunidade para divulgação do Escotismo.

Os parques, os terrenos baldios e os clubes a que todos os elementos tenham acesso oferecem, com frequência, muito espaço e recursos variados, como piscinas, árvores em grande quantidade e outros, que podem tornar sensacional uma Reunião de Patrulha. Se um desses foi o local escolhido, a Patrulha deve estar sempre preocupada em proceder de tal forma que nenhum dos demais frequentadores seja incomodado pela sua atividade. Nesse caso, por se tratar de um local público, especial atenção deve ser dedicada à segurança.

Na Sede do Grupo, em residências particulares, em locais públicos ou em qualquer lugar que a Patrulha decida se reunir, uma regra deverá ser rigorosamente respeitada: a *patota* que está reunida é constituída integralmente por ESCOTEIROS (especial atenção à PROMESSA e à LEI).

### 3. O DIA E A HORA

Não existe o Escoteiro que não tenha outros compromissos. Os elementos de sua Patrulha, e você mesmo, estudam, brincam, praticam esportes; alguns trabalham, e todos têm responsabilidades diante da família. O Escotismo é mais um compromisso, entre tantos. É preciso aprender, desde cedo, a distribuir o tempo, de forma a honrar todos os compromissos assumidos.

O Escoteiro que deixa de lado seus deveres escolares porque "*não posso perder a Reunião da Patrulha*", assim como aquele que nunca pode comparecer a uma Reunião de Patrulha porque "*amanhã eu tenho aula*" é o jovem que, aos dezoito anos, estará *matando aulas* para ir ao cinema com a namorada ou o adulto

que, aos trinta e cinco anos, estará tão envolvido com seu trabalho que nunca encontrará tempo para dedicar à esposa e aos filhos.

Não existe nada de errado no fato de uma Patrulha deixar de se reunir num determinado período porque todos, ou quase todos os seus elementos, estão em época de prova; do mesmo modo, não existe nada de errado no fato de um elemento faltar a uma reunião de Patrulha porque recebeu uma tarefa escolar mais complicada ou porque apareceu um *programa* de que ele deva participar, em companhia de sua família. É preocupante, porém, que uma Patrulha *nunca* possa se reunir ou que um mesmo elemento precise faltar a *todas* as reuniões de Patrulha.

Só existe uma regra a observar no que se refere à seleção do dia em que vai ser realizada a Reunião de Patrulha: *bom senso*. As reuniões de Patrulha não devem ser tão frequentes que atrapalhem a vida particular dos Escoteiros nem tão raras que impeçam a Patrulha de se desenvolver; as reuniões de Patrulha não devem ser consideradas tão pouco importantes que qualquer coisa sirva de pretexto para faltar nem tão importantes que justifiquem o abandono de todos os demais compromissos.

Aplicando a regra do *bom senso* e discutindo francamente o assunto, qualquer Patrulha é capaz de encontrar o dia certo para fazer sua Reunião.

Uma Reunião de Patrulha, como qualquer outra atividade escoteira, deve ter hora certa para começar e para terminar. Marcar o início de uma Reunião de Patrulha para um horário inconveniente, ou prolongá-la até altas horas da noite na véspera de um dia útil, é a melhor forma de fazer da Reunião de Patrulha uma fonte certa de atrito entre os Escoteiros e suas famílias. Da mesma forma que na escolha do dia, na marcação do horário e da duração de uma Reunião de Patrulha a regra do *bom senso* precisa ser respeitada: a Reunião de Patrulha não deve começar tão cedo que atrapalhe o horário de jantar de todo mundo nem tão tarde que impeça o comparecimento dos que moram mais longe; a Reunião de Patrulha não deve acabar tão tarde que prejudique o

horário de repouso nem tão cedo que não permita o cumprimento de sua finalidade.

Aplicando a regra do *bom senso* e discutindo francamente o assunto, qualquer Patrulha é capaz de encontrar o horário mais adequado para fazer sua reunião.

#### 4. O TRANSPORTE

Um dos problemas enfrentado por muitas Patrulhas para fazerem suas reuniões, principalmente para que possam realizá-las nas residências de todos, cumprindo o sistema de *rodízio*, é o deslocamento para locais às vezes distantes de suas casas.

O heróico CAIO VIANA MARTINS nos ensinou que "... o Escoteiro caminha com suas próprias pernas". Idealmente, os integrantes de qualquer Patrulha devem utilizar as linhas de ônibus normais para se dirigirem ao local da reunião. O uso do transporte coletivo, além de econômico, oferece a vantagem de não criar problemas para os pais, que nem sempre dispõem de tempo para servir como *motorista particular*, e é uma excelente maneira de se melhorar o grau de autonomia.

Haverá, com certeza, o caso de um determinado Escoteiro, mais novo ou menos experiente, que não está familiarizado com o uso desse tipo de transporte ou que não conhece exatamente o itinerário; se a família desse jovem já conhece seus companheiros de Patrulha aceitará com certeza, que um dos mais experimentados se encarregue de auxiliá-lo, encontrando-se os dois num local de acesso bem fácil para irem juntos à reunião.

É claro que não está excluída a possibilidade de utilização do *transporte solidário*, isto é, um pai se encarrega de arrebancar toda



a Patrulha, transportando-a para o local da reunião, cabendo a outro oferecer serviço semelhante, no retorno. Não tem sentido, entretanto, a Patrulha deixar de se reunir alegando que nenhum pai pode se encarregar de fazer o transporte, principalmente quando se vive numa cidade que conta com serviço normal de transporte coletivo.

Usando o *carro do papai* ou o ônibus, é importante o respeito ao horário de encerramento. O pai que está colaborando não deve ser ainda mais incomodado, aguardando um tempo enorme após o horário combinado; se a volta para casa vai ser feita de ônibus, o atraso será motivo de preocupação para as famílias e prejudicará, com certeza, o tempo destinado ao sono e a disposição para acordar, no dia seguinte.

#### 5. O CONTEÚDO DE UMA REUNIÃO DE PATRULHA

Depois de discutir *como fazer*, é hora de se pensar em o que fazer durante uma Reunião de Patrulha.

Em primeiro lugar, o adestramento. A Reunião de Patrulha é o momento em que o *Monitor* adestra os elementos de sua Patrulha. Na Patrulha, habitualmente, existem elementos em níveis diferentes de adestramento. O tempo da Reunião de Patrulha deve ser explorado

de modo que todos consigam avançar um pouco mais na perseguição às suas conquistas. Para isso, o trabalho deve ser dividido entre todos; se o *Monitor* está empenhado em preparar alguns elementos para uma conquista mais avançada, não há necessidade de deixar sem fazer nada aquele menino que entrou há pouco tempo na Tropa e está tentando se preparar para a Promessa; um outro elemento da Patrulha pode, perfeitamente, assumir o encargo de adestrá-lo em nós ou discutir com ele a história do Escotismo.



A Patrulha ativa e organizada, quando se reúne, tem à mão o *Quadro de Etapas*, e é em função desse *Quadro* que se desenvolve a reunião. Todos sabem que *Etapas* estão lhe faltando e todos aproveitam a oportunidade para preparar alguma coisa que signifique um passo a mais na conquista de uma delas. O elemento que sai da Reunião de Patrulha sem ter dado um passo, por pequeno que seja, dificilmente aparecerá na próxima reunião.

Jogos e canções também devem estar presentes à reunião, desde que sejam adequados ao local. Jogar *futebol indiano* em plena sala de visitas de um apartamento, ou impedir que o dono da casa assista ao telejornal, cantando, em voz bem alta, o *Hino de Alerta*, são duas boas maneiras de nunca mais obter autorização para fazer naquela casa a Reunião de Patrulha. Na escolha dos jogos, deve existir a preocupação de atender a todos os gostos; nada mais desagradável para um Escoteiro que não tolera futebol do que sua Patrulha terminar todas as reuniões com uma animada *pelada* da qual ele nunca participa.

Um *projeto* no qual toda a Patrulha esteja empenhada pode ser um bom tema ocupar grande parte de uma reunião. *Bolar* e construir um nova *Caixa de Patrulha*, montar um modelo de navio, de avião ou de acampamento para decorar o *Canto da Patrulha*, organizar uma atividade, programar uma excursão, remodelar o Bastão de Patrulha ou preparar a nova bandeira, desenvolver, em conjunto, uma habilidade de interesse geral como por exemplo, a transmissão por semáforas ou em código Morse, experimentar uma nova *receita* culinária, projetar uma pioneiria a ser construída no próximo acampamento, consertar as barracas da Patrulha, rasgadas durante a última atividade, desenvolver um campeonato de xadrez, organizar um álbum de fotografias da Patrulha, visitar uma pessoa mais velha que tenha participado do Movimento Escoteiro para *curtir* suas lembranças, são apenas algumas idéias de *projetos* que qualquer Patrulha pode explorar.

Discutir um filme a que todos assistiram ou um livro que todos leram pode ser, igualmente, uma boa idéia. Embora a Reunião de Patrulha seja uma ocasião para diversão, cultura e diversão não são

inimigas. Do mesmo modo, pode ser até divertido aproveitar a Reunião de Patrulha para ajudar aquele companheiro que está encontrando dificuldades nos estudos. Geografia, história, matemática, biologia e outras matérias estudadas na Escola oferecem um bom campo para a montagem de jogos que auxiliem na memorização de conhecimentos que podem ser úteis na hora da prova.

Tudo é válido para que a Reunião de Patrulha seja *o maior barato*, desde que se atenda à regra de proporcionar a todos, em cada reunião, um pouco de crescimento. É por isso que a Reunião de Patrulha não deve ocorrer de forma totalmente improvisada; organização, disciplina e método são companheiros constantes de qualquer Escoteiro e, para ter certeza de que tais companheiros estarão presentes à Reunião de Patrulha, o *Monitor* a programa com antecedência, juntamente com seu *Submonitor* e, se for o caso, com qualquer outro elemento que deva se preparar adequadamente para dirigir uma parte da Reunião.

*Nos momentos de alegria de sua Patrulha, o Escoteiro percebe que o Grande Monitor está presente, inspirando, com Sua bondade, as atividades em desenvolvimento.*

*Uma prece conjunta, ao iniciar e ao terminar a Reunião, recomendando à Sua graça a família que está acolhendo a Patrulha, é a maneira cristã de honrar Sua presença.*

## A CORTE DE HONRA E A PROGRAMAÇÃO DAS ATIVIDADES DA TROPA

### 1. INTRODUÇÃO

“Vou te levar para a Corte de Honra!”

Quem ainda não ouviu um *Monitor* ou um *Submonitor* irritado ameaçar dessa maneira a um elemento menos disciplinado ou mais *embromador*?

A visão da **Corte de Honra** como uma espécie de *tribunal* perante o qual deve comparecer, para ser julgado e punido, qualquer

Escoteiro cujo procedimento contrarie as normas que regulam a vida na Tropa e nas Patrulhas é, infelizmente, bastante comum. Não são poucos os *Monitores* que só se lembram de sua **Corte de Honra** naqueles momentos, felizmente raros, em que precisam dela para corrigir falhas disciplinares que, na maioria das vezes, só estão ocorrendo porque lhes falta habilidade para exercer uma liderança efetiva sobre suas Patrulhas.

Num Movimento como o nosso, onde se entra e se permanece voluntariamente, assumindo o compromisso solene de *fazer o melhor possível*, são poucos os casos que demandam, efetivamente, a atuação disciplinadora da **Corte de Honra**. Dentro de uma Patrulha, todos devem estar empenhados em fazer um bom Escotismo, não sendo necessário, portanto, que o *Monitor* recorra à **Corte de Honra** para fazer funcionar a contento aquela *patota de amigos*; como *irmão mais velho*, basta-lhe a confiança que nele



depositam seus companheiros para garantir ordem, disciplina, disposição para o trabalho e sucesso em todo e qualquer empreendimento da Patrulha.

Desobrigada do papel de Tribunal de Justiça, ocupando-se só muito raramente de questões disciplinares, a **Corte de Honra** deve se dedicar a tarefas bem mais importantes, cabendo-lhe funcionar como *fórum* em que são discutidas questões do mais alto interesse para a vida da Tropa.

É, ou deveria ser, na **Corte de Honra** que cada *Monitor* encontra a orientação para o correto desenvolvimento de sua Patrulha. Discutindo com os outros *Monitores*, trocando com eles experiências e informações, cada *Monitor* recebe, nas reuniões da **Corte de Honra** uma série de idéias que, exploradas convenientemente, melhorarão, com certeza, suas reuniões de Patrulha.

É, ou deveria ser, na **Corte de Honra**, relatando os sucessos e insucessos da última atividade de sua Patrulha, que cada *Monitor* contribui para o aprimoramento das demais Patrulhas e da Tropa, como um todo.

É, ou deveria ser, na **Corte de Honra**, expondo, com franqueza, suas dúvidas e dificuldades, que cada *Monitor* receberá, do debate com seus companheiros, os esclarecimentos que facilitarão seu importante trabalho de *liderança* e imprimirão à vida da Patrulha e da Tropa o melhor dos ritmos.

Finalmente é, ou deveria ser, a **Corte de Honra** o ponto para onde convergem as mais legítimas aspirações de cada Patrulha e de toda a Tropa, o pólo onde se concentram os anseios dos Escoteiros, cabendo a cada *Monitor* levar até ela as idéias e sugestões de seus companheiros de Patrulha que, na **Corte de Honra**, se somarão àquelas trazidas pelos demais *Monitores*, convertendo-se em atividades que, programadas a partir das idéias dos próprios Escoteiros, serão as melhores que a Tropa poderá desenvolver.

## 2. O CALENDÁRIO ANUAL DE ATIVIDADES DO GRUPO ESCOTEIRO

O Escotismo é um Movimento que se caracteriza, principalmente, pela liberdade com que o praticamos. Não estamos sujeitos senão a um pequeno conjunto de regras e, mesmo essas, têm a finalidade exclusiva de assegurar uma certa uniformidade de critérios. Cada Patrulha, cada Tropa, cada Grupo, cada Distrito e cada Região desfruta de uma grande dose de autonomia.

Assim, não existe imposição de que se estabeleça um planejamento uniforme, cada fração gozando da liberdade de planejar segundo suas próprias idéias.

Um caminho que tem sido experimentado com sucesso por muitas Tropas pode ser apresentado para discussão, desde que se entenda que se está, apenas, traçando uma *trilha* que se pode seguir sem maiores compromissos, e não um *trilho* sobre o qual todos tenhamos de nos manter, sem a possibilidade de adotar desvios.

Como vivemos dentro de uma *fraternidade*, participando de atividades organizadas pelos mais diversos níveis de direção, é importante que cada nível divulgue, com bastante antecedência, sua programação.

Inicialmente, a Diretoria Nacional divulga seu Calendário, normalmente, elaborado com dois anos de antecedência; de posse do Calendário Nacional e conhecendo as datas destinadas às atividades nacionais de interesse daqueles que lhe são filiados, cada Diretoria Regional estabelece o Calendário Regional, fixando as datas das atividades a serem organizadas pela Região Escoteira. Se a Região é organizada em Distritos Escoteiros, cabe a cada Distrito montar o Calendário Distrital e divulgá-lo aos Grupos Escoteiros que o integram.

É importante lembrar que, em cada nível, o Calendário não é estabelecido de forma arbitrária; a Diretoria Nacional ouviu as diversas Regiões que, por sua vez, consultaram os Distritos e os Grupos Escoteiros. Assim, os Calendários Nacional, Regional e

Distrital não chegam até os Grupos Escoteiros como uma determinação superior, mas como uma solução que procura conciliar todos os interesses envolvidos, visando, acima de tudo, satisfazer as aspirações e necessidades dos membros juvenis.

A **Corte de Honra**, o **Conselho de Monitores**, a **Assembléia de Graduados** e outros fóruns são os canais por onde fluem essas aspirações e necessidades que são consideradas com todo o carinho no momento em que cada nível de direção do Movimento Escoteiro estabelece seu Calendário anual.

De posse do Calendário Distrital ou Regional, cada Grupo Escoteiro vai, agora, estabelecer seu próprio Calendário.

Normalmente, esse trabalho é realizado em uma reunião conjunta do **Conselho de Chefes** e da **Diretoria do Grupo**. Essa costuma ser uma reunião bastante movimentada; alguém que não pertença ao Movimento Escoteiro pode achar, até, que se trata de uma *briga*. Os Chefes levam para essa reunião os desejos da garotada que integra suas Seções, e fazem todo o possível para incluir no Calendário do Grupo tudo aquilo que sua Tropa, sua Alcatéia ou seu Clã gostaria de realizar. Os Dirigentes, por mais que estejam interessados em atender a todos os desejos, sabem que existem fatores limitadores (*a grana*, principalmente), e negociam o mais que podem para conciliar a *vontade de cada Seção* com as *possibilidades do Grupo, como um todo*.

Depois de algumas horas de discussão, como são todos amigos que só têm o interesse de proporcionar um excelente ano de atividades ao seu Grupo Escoteiro, acabam chegando a um acordo e aí está o **Calendário Anual de Atividades do Grupo Escoteiro**.

### 3. O PLANEJAMENTO DA TROPA DOS ESCOTEIROS

Uma vez divulgado o Calendário do Grupo, o Chefe de Escoteiros solicita ao Presidente da **Corte de Honra** que a convoque para uma reunião muito especial, aquela em que se vai traçar, em linhas gerais, como será a vida da Tropa no ano que está prestes a se iniciar.

É muito comum que, em razão das necessidades ditadas pela mudança de Ramo, alguns dos *Monitores* estejam se preparando para deixar a Tropa, prevendo-se para muito breve uma renovação substancial da **Corte de Honra**. Por isso, algumas Tropas preferem planejar para períodos mais curtos, normalmente um semestre. A adoção do planejamento semestral oferece, ainda, a vantagem de permitir uma reavaliação do desempenho da Tropa, incorporando-se ao semestre seguinte atividades sugeridas pelo próprio desenvolvimento durante o semestre anterior.

Semestral ou anual, o importante é que o Calendário de Atividades elaborado pela **Corte de Honra** atenda, de fato, aos anseios e aspirações da Tropa. É na reunião em que se elabora o Calendário que se evidencia, mais do que nunca, o desprendimento dos *Monitores* e seu zelo para com a Patrulha. Embora sejam, normalmente, Escoteiros mais antigos e, por isso mesmo, mais adestrados, os *Monitores* sabem que as atividades que vão incluir no Calendário da Tropa devem atender a **todos** os Escoteiros; mesmo interessados em atividades cada vez mais arrojadas, os *Monitores* não se esquecem de incluir, e valorizar, aquelas atividades mais simples, adequadas para meninos mais novos e com menos tempo de participação no Movimento Escoteiro. Na reunião em que a **Corte de Honra** vai elaborar o Calendário da Tropa, mais do que em qualquer outra, o *Monitor* sabe que, ali, os interesses de sua Patrulha devem prevalecer sobre seus próprios interesses.

Para o sucesso da reunião em que a **Corte de Honra** discute o Calendário da Tropa, é importante que cada *Monitor* se prepare adequadamente, seja revisando o *Quadro de Etapas* de sua Patrulha, seja discutindo com seus companheiros algumas idéias que eles desejem pôr em prática, seja revisando seus próprios conceitos sobre a maneira como se deve praticar o Escotismo.

## 4. O MÉTODO ESCOTEIRO

Só existe uma maneira correta de se praticar o Escotismo: aplicando integralmente o **Método Escoteiro**.

Entende-se por **Método Escoteiro** uma forma de programar e conduzir atividades que leve em conta as seguintes características:

### I - Aceitação da Promessa e Lei Escoteiras

Todos os membros do Movimento Escoteiro assumem um compromisso, consigo próprios e com o Movimento, de vivência da Promessa e da Lei Escoteiras. Embora esse compromisso acompanhe o Escoteiro em cada minuto do seu dia, a atividade escoteira deve ser uma oportunidade em que a Patrulha e a Tropa, como um conjunto de pessoas unidas em torno de um mesmo compromisso, possa resgatá-lo, em sua plenitude. O Calendário da Tropa deve incluir, portanto, atividades que envolvam a prática do compromisso que assumimos com a Lei e a Promessa Escoteiras.

### II - Aprender fazendo

O Escoteiro não espera que façam por ele aquilo que ele pode aprender a fazer. As atividades de uma Tropa ou de uma Patrulha devem ser planejadas de forma a permitir que todos tenham a oportunidade de aprender praticando, mesmo que isso implique perder alguns *pontos* numa inspeção porque algumas *amarras* foram feitas por um *Noviço* que ainda não domina inteiramente essa técnica. É importante que o Calendário da Tropa leve em consideração que **todos** precisam adquirir o adestramento que lhes possibilite desenvolver o *espírito de iniciativa e autoconfiança*.

### III - Vida em equipe

O *Sistema de Patrulha* foi concebido, justamente, para possibilitar uma intensa *vida em equipe*. O Calendário da Tropa deve valorizar as atividades da Patrulha, mesmo quando enquadradas em atividades da Tropa, pois é dentro da Patrulha que o Escoteiro, desde Aspirante, descobre e aceita responsabilidades cada dia mais sérias. Vivendo e trabalhando dentro de uma Patrulha, o Escoteiro descobre as vantagens da

disciplina assumida voluntariamente e desenvolve sua capacidade tanto para cooperar como para liderar.

### IV - Atividades progressivas, atraentes e variadas

Antes de *batalhar* pela inclusão de uma determinada atividade no Calendário da Tropa, o *Monitor* deve se fazer algumas perguntas. Em primeiro lugar, a Tropa está preparada para aquela atividade, ou há necessidade de uma outra, mais simples, como preparação? Em segundo lugar, a atividade proposta é capaz de agradar à maioria dos integrantes da Tropa? Finalmente, trata-se de uma *novidade*, ou é alguma coisa que já está se tornando repetitiva e, por isso, monótona? Um pouco de imaginação e criatividade, a transformação da rotina em jogos divertidos, a vida ao ar livre, em contato com a natureza, o desenvolvimento de trabalhos que envolvam a participação da comunidade, a conservação de uma mística em torno das tradições de cada Patrulha e da Tropa, como um todo, aliados a um clima de grande camaradagem, que não alimente disputas desonestas mas que ofereça a todos a oportunidade de ganhar e de *vibrar* com as vitórias alheias, são as melhores garantias de que as atividades incluídas no Calendário atenderão aos desejos de toda a Tropa.

### V - Desenvolvimento pessoal pela orientação individual

Ao participar da elaboração do Calendário da Tropa, cada *Monitor* deve se lembrar de que na sua Patrulha existem jovens, quase sempre mais novos e com certeza menos experientes do que ele, que devem receber, individualmente, sua atenção. É preciso que se evite sobrecarregar o calendário com muitas atividades extremamente complexas que, absorvendo demais o *Monitor* em sua preparação, terminem por impedir que ele se dedique a orientar e auxiliar cada elemento de sua Patrulha na busca do seu desenvolvimento como Escoteiro. Considerando a importância do exemplo do *Monitor*, é importante que lhe sobre tempo, igualmente, para tratar do seu próprio adestramento.



## 5. O RESULTADO FINAL

O sucesso de uma Tropa não se mede pela quantidade de troféus que suas Patrulhas conquistam ao longo de um ano de atividades. O melhor indicador a apontar o êxito, após um ano de atividades escoteiras, é a satisfação com que se recordam os acampamentos, as excursões, as jornadas, as reuniões na Sede do Grupo, as visitas feitas e recebidas, tudo aquilo, enfim, que marcou a vida da Tropa durante aquele período.

Seria um verdadeiro milagre se essas atividades que recordamos com tanta satisfação saíssem, todas, de uma única cabeça. Que capacidade criadora teria um Chefe que fosse capaz de *bolar*, sozinho, todo o programa a ser cumprido durante um ano e, ao final, verificasse que *acertou em cheio*, agradando plenamente aos seus Escoteiros!

Na prática, admite-se que este não é um trabalho para uma única pessoa. Mesmo que o Chefe de Escoteiros conte com dois ou três assistentes, as chances de acertar plenamente, preparando o Calendário Anual sem ouvir a **Corte de Honra**, são bastantes remotas.

Os Chefes reconhecem a importância de envolver a **Corte de Honra** na elaboração do Calendário de Atividades da Tropa e, como regra geral, preferem dividir com a **Corte de Honra** a responsabilidade de definir a Programação.

Não é suficiente, entretanto, que os chefes estejam dispostos a levar em conta a opinião de suas **Cortes de Honra**. É indispensável que os *Monitores* tenham uma consciência muito exata quanto ao que deles se espera na ocasião de preparar o Calendário da Tropa.

O *Monitor* que não se prepara adequadamente para colaborar com a **Corte de Honra** no momento em que ela se reúne para planejar o próximo período de atividades, que é incapaz de apresentar e discutir idéias, que não sabe identificar que atividades interessarão, ou não, aos seus companheiros de Patrulha, que não tem sugestões a apresentar, sejam elas de sua própria autoria, sejam

aquelas que recolheu no seio de sua Patrulha, que prefere ficar calado, com medo de *dar palpite errado*, será o grande responsável pela sensação de desânimo com que se encerrará um período de atividades que não se tenham mostrado capazes de proporcionar à Tropa a satisfação de haver cumprido *aquela* Calendário.

*O Senhor prometeu aos Seus discípulos que, sempre que dois ou mais deles se reunissem em Seu nome, estaria entre eles.*

*Na Corte de Honra, que se reúne para tratar de assuntos de tanta importância para a vida da Tropa, a presença Daquele que é o Monitor de todos nós é a certeza de que as decisões tomadas serão mais acertadas e de que não nos faltará o ânimo necessário para convertê-las em atividades práticas.*

*Invocar as bênçãos do Senhor, ao iniciar cada reunião da Corte de Honra, e agradecer Sua presença, ao final, são deveres que o Escoteiro cumpre com o coração em festa.*

## LIDERANÇA

### 1- O QUE É LIDERANÇA

É muito difícil encontrar-se uma definição de *liderança* que satisfaça a todo mundo. Dependendo das missões que se espera sejam cumpridas por uma dada *liderança*, variam as conceituações que a definem.

Uma *liderança* militar tem missões muito diferentes, por exemplo, daquelas que são atribuídas a uma *liderança* política ou a uma *liderança* empresarial e, por isso, as definições de *liderança* variam de um caso para outro.

Curiosamente, todos se consideram capazes de definir *liderança*, mas poucos são aqueles que, convidados a apresentar sua definição, se mostram capazes de transformar em palavras as idéias que têm a respeito do assunto.

Entre as diversas definições de *liderança*, selecionamos uma que parece a mais adequada para conceituar a *liderança* Escoteira.

**LIDERANÇA É A CAPACIDADE DE UNIR PESSOAS EM TORNO DE UM OBJETIVO COMUM, LEVANDO-AS A SUPERAR TODAS AS DIFICULDADES QUE ATRAPALHEM A CONQUISTA DESSE OBJETIVO.**

Essa definição tem uma relação muito estreita com o Movimento Escoteiro por ser uma das poucas que não está centrada na figura do *líder*. Enquanto a maioria das definições se agarra à idéia de que *liderança* é uma qualidade pessoal de alguns poucos indivíduos premiados por Deus, a definição escolhida está preocupada com as idéias de *união de pessoas* e de *objetivo comum*, envolvendo a *conjugação de esforços*.



Aceita-se, portanto, que a *liderança* não depende, essencialmente, de características pessoais da figura do *líder*. Ao contrário, por não atribuir ao *líder*, com exclusividade, a capacidade de unir pessoas, a definição nos leva a acreditar que esta capacidade é muito mais uma característica do grupo do que de qualquer pessoa que o integre.

O *líder*, segundo este conceito, é apenas um dos integrantes do grupo, escolhido pelos seus pares com a finalidade de dirigir, num determinado momento ou durante um certo período de tempo, aqueles esforços que o grupo decidiu unir. Em lugar de ser uma pessoa muito especial, com características extraordinárias, o *líder* é, apenas, uma pessoa comum que, em determinadas circunstâncias, o grupo entende ser a mais indicada para canalizar as contribuições de todos em proveito do objetivo comum.

Não é esta, na verdade, a mola mestra que impulsiona uma Patrulha de Escoteiros? Interessados em alcançar plenamente os benefícios resultantes da prática escoteira, um punhado de jovens se associa, sob a forma de Patrulha, e decide trabalhar intensamente para superar todas as dificuldades e chegar ao seu objetivo comum. São jovens de idades variadas, que se conhecem entre si, que já acumularam, apesar de jovens, uma certa bagagem de experiências, que sabem o que querem e conhecem as dificuldades que vão enfrentar. Escolhem, entre eles, aquele que é igual a eles, mas é o mais velho, ou o mais experiente, ou o mais adestrado, ou o que goza de maior autonomia, ou o que tem mais tempo disponível, e fazem dele o seu *Monitor*.

Assim, o *Monitor* não é feito *líder* porque ele tenha



características pessoais extraordinárias, mas porque, no entender da Patrulha, é capaz de congrega os esforços de todos no sentido do objetivo comum, exercendo, portanto, a *liderança*. A melhor prova de que é assim que uma Patrulha entende a *liderança* é que ela conserva o poder de, a qualquer momento em que sinta necessidade, substituir seu *Monitor*.

É muito importante que os Graduados de uma Tropa de Escoteiros entendam exatamente essa noção de *liderança*. Na Patrulha, como em qualquer outro nível do Movimento Escoteiro, os *cargos* não são dados às pessoas para homenageá-las ou em reconhecimento às suas características pessoais, por mais extraordinárias que elas sejam. No Escotismo, os *cargos* são confiados a algumas pessoas porque a cada um deles corresponde uma série de *encargos* que devem ser executados, em proveito de todos, e porque aqueles que escolhem o ocupante de um *cargo* acreditam que, naquele momento e naquelas circunstâncias, a pessoa escolhida para ocupar o *cargo* é a que melhor pode atender às necessidades do grupo que a escolheu.

Afastar-se de um *cargo*, ou dele ser afastado por decisão do grupo, não significa, necessariamente, uma punição; significa, isso sim, que o grupo percebeu que, a partir de um determinado momento ou em razão de alterações na situação, uma outra pessoa é capaz de atender mais satisfatoriamente às necessidades do grupo.

## 2. AS FUNÇÕES DO LÍDER

Os livros que definem *liderança* a partir da figura do *líder* empregam uma boa quantidade de páginas para enumerar e explicar as características do *líder*.

Como, para nós, a *liderança* é muito mais um encargo do que uma *qualidade*, não tem sentido falar de **características** do *líder*. O *líder*, para nós, é uma pessoa absolutamente igual às outras, e não nos interessam suas **características** pessoais; interessa-nos, isso sim, analisar o papel que lhe está reservado dentro do grupo

por ele liderado. Assim, em lugar de **características do líder**, preferimos falar nas **funções do líder**.

A primeira função do *líder* é **estar presente**. O *líder* acompanha muito de perto toda e qualquer atividade do grupo cuja *liderança* lhe foi confiada, porque sua presença é ponto importante para que haja a necessária convergência de esforços. Por essa razão, aqueles que classificam a *liderança* como uma **qualidade** entendem que a assiduidade é uma das características do *líder*.

A segunda função do *líder* é **manter uma atmosfera adequada ao andamento dos trabalhos**, o que significa fazer com que todos se sintam bem trabalhando. Se fôssemos obrigados a associar esta função com uma característica, diríamos que o *líder* deve ter bom humor.

A terceira função do *líder* é **reconhecer as capacidades e as limitações de cada um dos integrantes do grupo**, única forma de direcionar cada um para a tarefa mais adequada e de orientar cada um no sentido de buscar seu autoaprimoramento. Os que preferem falar das características do *líder* associam esta função com a compreensão.

A quarta função do *líder* é **conquistar a confiança** de todos aqueles que se relacionam com as atividades do grupo, mesmo que não o integrem diretamente, como é o caso das famílias dos membros de uma Patrulha; os integrantes do grupo, diretamente empenhados no cumprimento de tarefas, e quaisquer outras pessoas cujas atitudes possam influenciar os resultados alcançados pelo grupo, devem depositar no *líder* uma grande dose de confiança, a qual deve ser conquistada por ele. Esta função poderia ser associada a uma característica que alguns definem como **confiabilidade**.

A quinta função do *líder* é **colocar os interesses do grupo acima de interesses menores**, isto é, dedicar-se, sem exageros prejudiciais, aos interesses do grupo; não são raros os *líderes* que, interpretando erroneamente o significado da característica **dedicação**, que se associa a esta função, caem no exagero de colocar

os interesses do grupo acima de quaisquer outros interesses, terminando por causar sérios prejuízos ao grupo em decorrência dos prejuízos que causam a si próprios e aos demais integrantes.

A sexta função do *líder* é **estar disponível** nos momentos em que o grupo dele necessita, sem buscar desculpas para eximir-se de suas responsabilidades; a **disponibilidade** é a característica que pode ser associada a esta função.

A sétima função do *líder* é **cooperar para o sucesso do grupo**, não se limitando a *mandar fazer*, mas *metendo*, ele próprio, *a mão na massa*; um *líder* que se considera acima dos demais e que assume, diante das tarefas, uma atitude superior, julgando que executá-las pode prejudicar sua *imagem de grande autoridade*, estará demonstrando mais preocupação com as *honras do cargo* do que com os legítimos interesses do grupo cuja *liderança* lhe foi confiada. A esta função pode, igualmente, ser associada uma característica: **o espírito de cooperação**.

A oitava função do *líder* é **não dar colher de chá**; sem grosserias, sem exigências absurdas, respeitando as limitações de cada um dos integrantes do grupo, agindo sempre com cortesia e educação, marcando suas atitudes pela ponderação e pelo *bom senso*, o *líder* não se descuida de sua função principal, qual seja a de levar o grupo até o objetivo fixado. A esta função se associa, normalmente, uma característica que alguns identificam como **firmeza**.

A nona função do *líder* é **reconhecer que não é o tal**, que está, como qualquer outra pessoa, sujeito a erros e limitações, que não é um *sabe-tudo* nem o *dono-da-verdade*; em lugar de buscar impor ao grupo suas decisões, é função do *líder* escutar o grupo, na certeza de que todos os seus integrantes querem, tanto quanto ele, que o grupo alcance o sucesso. O exercício desta função está intimamente relacionado com a **humildade**.

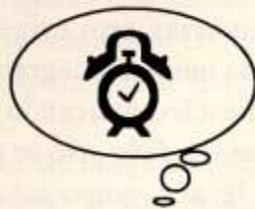
A décima função do *líder* é **organizar os esforços do grupo**; as dificuldades para a realização de qualquer tarefa crescem assustadoramente na medida em que aqueles que vão realizá-la

não se organizam para o trabalho. É muito fácil imaginar-se, por exemplo, como será desconfortável uma noite passada numa barraca que, por desorganização da Patrulha foi armada antes que o terreno fosse limpo, deixando no seu fundo pedras e raízes que deveriam ter sido previamente removidas. Como a pessoa que se propõe organizar o trabalho de um grupo precisa, ela mesma, agir de forma ordenada, aqueles que gostam de enumerar as características do *líder* não se esquecem de incluir, entre elas, a **organização**.

A décima primeira função do *líder* é **ouvir queixas, reclamações, ponderações e sugestões**, acatando e buscando soluções para as que forem procedentes e descartando as demais, sem ferir aquele que as apresenta e sem permitir que as mesmas interfiram com o andamento dos trabalhos. Qualquer pessoa é capaz de executar esta função, desde que se disponha a desenvolver uma característica essencial: a **paciência**.

A décima segunda função do *líder* é **cumprir e fazer cumprir os horários estabelecidos**. Esta é uma função bastante simples, pois depende, apenas, de exercitar uma virtude que não pode ser separada da boa educação, a **pontualidade**.

Observe que citamos doze funções do *líder*, cada uma delas associada a uma característica; as funções não foram mencionadas em ordem de importância, pois todas são igualmente importantes. Preferimos citá-las na seqüência alfabética das características a que estão associadas: **assiduidade, bom humor, compreensão, confiabilidade, dedicação, disponibilidade, espírito de cooperação, firmeza, humildade, organização, paciência e pontualidade**. As características citadas são qualidades que,



seguramente, encontramos em todo e qualquer Escoteiro, não se exigindo, portanto, que um *Monitor* seja alguém tão especial.

Inúmeras outras funções poderiam ser acrescentadas a nossa lista, todas relacionadas com características comuns, despidas de qualquer marca extraordinária. Para evitar que a lista se torne muito longa, vamos citar só mais uma função do *Monitor*, capaz de englobar todas aquelas que já citamos, além de muitas outras que ficaram fora da lista.

A principal função do *líder* é **dar o exemplo**. Uma Patrulha é o retrato mais fiel do seu *Monitor*; é porque se identifica com ele, admira suas atitudes e pretende se esforçar para copiá-las que uma Patrulha escolhe um determinado elemento para ser seu *Monitor*. Uma vez feita a escolha, o mais importante dever do escolhido é aprimorar aquelas características que despertaram tal sentimento na Patrulha pois, melhorando a si próprio, o *Monitor* estará levando toda a Patrulha a melhorar.

Reconhecer e assumir essa responsabilidade é a única forma de desincumbir-se a contento do encargo de ser um *Monitor* de Patrulha.

*É pesado o encargo que repousa sobre os ombros de um Monitor. Toda ajuda lhe é necessária, principalmente aquela que lhe vem do Monitor dos Monitores.*

*Em suas orações diárias, e em todos os momentos de sua vida, o Escoteiro rende suas graças Àquele que vela por nós todos e permite ao Monitor velar por sua Patrulha.*

## DICAS PARA O GRADUADO

Você é um bom Monitor para a sua Patrulha?

Você está satisfeito com o forma como estão se desenvolvendo as atividades e os projetos de sua Patrulha?

Você já mostrou a cada elemento de sua Patrulha o que se espera que cada um faça, em proveito da equipe?

Você está satisfeito com as reuniões semanais da sua Patrulha?

Você está satisfeito com a funcionamento da Corte de Honra de sua Tropa? Você tem contribuído para que sejam boas as reuniões da sua Corte de Honra?

Se você respondeu SIM a todas essas perguntas, ótimo. Lendo as **DICAS PARA O GRADUADO** você vai se tornar um Monitor ainda melhor; as atividades e projetos da sua Patrulha vão se tornar mais atraentes; suas Reuniões de Patrulha vão ser mais úteis e mais divertidas; sua Corte de Honra vai se tornar mais rica.

Se você vacilou antes de responder a qualquer uma dessas perguntas, as **DICAS PARA O GRADUADO** podem oferecer a ajuda de que você está precisando para *deslanchar* como Monitor.

Em qualquer caso, aprenda com as **DICAS PARA O GRADUADO** a pensar e agir como **LÍDER**.

Se você não é um Graduado, que tal entender melhor o papel do Graduado, para que você possa colaborar com aquele que você ajudou a escolher para ser o Monitor ou o Submonitor de sua Patrulha? Aprenda com as **DICAS PARA O GRADUADO** qual é o seu papel como membro de uma Patrulha eficiente, divertida e quente.

As **DICAS PARA O GRADUADO** vão ajudá-lo a se tornar *um bom elemento de sua Patrulha*.

Ou você não quer ser um Escoteiro Lis de Ouro?

**O livro "Dicas Para o Graduado" foi editado pela UEB no ano de 1995**

**Possui o formato A5 (14 x 21 cm) como uma brochura dobrada unidas por dois grampos.**

**Com capa em cartolina, colorida e plastificada.**

**Possui 53 páginas em preto e branco.**

**A digitalização deste livro foi feita pelo Chefe Fábio Neiva. A montagem do pdf foi feita pelo chefe Paulo do site [www.lisbrasil.com](http://www.lisbrasil.com)**